

A verdadeira rede terrorista



Por STEPHEN F. EISENMAN*

Alguns judeus e muitos gentios pensam que o vínculo entre judeus americanos e israelenses é natural e inevitável, até mesmo atávico

O ataque de 7 de outubro do Hamas

Os números são sombrios e os detalhes são piores: 1.400 mortos (1100 civis, 300 soldados) e 240 feitos reféns. As vítimas no festival de música *Supernova Sucot* eram apenas crianças - doces também: canhotas, hippies, peaceniks. Primeiro, fugiram; depois foram apanhados e abatidos. Os outros ataques contra civis foram igualmente gratuitos - contra crianças, seus pais e avós em suas casas.

Foi como um *pogrom* dos cossacos na pálida da Rússia Imperial. Ou como as execuções dos *Einsatzgruppen* e da Waffen SS, que seguiram a *Wehrmacht alemã*, enquanto ela varria distritos judaicos na Europa Oriental durante a Segunda Guerra Mundial. Em todos os casos, as mortes foram grosseiras e gratuitas.

Só que há uma diferença. Naqueles casos anteriores, os judeus eram fracos e seus opressores eram fortes. Desta vez, é o contrário. Os palestinos são fracos e os judeus são fortes. O exército israelense é o melhor do Oriente Médio. É como se os judeus de Varsóvia, em agosto de 1944, escapassem de seu gueto, atravessassem o rio Oder e assassinassem mulheres, crianças, adolescentes e idosos alemães - ou os fizessem reféns.

Mas essa comparação também não está certa. O Hamas é um ator estatal, não uma milícia desesperada. Eles tomaram o poder em Gaza após as eleições parlamentares de 2006 e assumiram o controle total no ano seguinte. Desde então, eles lutaram contra seus rivais palestinos do Fatah, bem como outros grupos militantes islâmicos. [Graças às](#) transferências de Israel, eles têm muito dinheiro. Eles também têm [muitas armas](#).

Além de metralhadoras montadas em caminhões e armas pequenas, seus militantes podem disparar foguetes de longo alcance, morteiros e granadas. Eles têm acesso a artefatos explosivos improvisados, drones e mísseis antitanque. Eles construíram e controlam uma extensa rede de túneis e implantam ataques cibernéticos e espionagem. Em 7 de outubro, eles montaram [ataques simultâneos e complexos](#) contra vários postos da guarda militar israelense e derrubaram veículos através de cercas de fronteira e outras barreiras para alcançar seus alvos. Eles tinham mapas físicos e comunicação eletrônica para orientá-los.

O Departamento de Estado dos EUA designou o Hamas como organização terrorista em 1997. Em 2001, um agente do Hamas colocou uma bomba em uma discoteca de Tel Aviv, matando 21 pessoas. Durante as duas décadas seguintes, bombardeios a ônibus em Israel mataram e feriram centenas. Mas chamar o Hamas de grupo terrorista é errado por dois motivos.

a terra é redonda

Primeiro porque o grupo é mais parecido com um exército bem treinado, como vimos, do que com uma rede de lançadores de bombas fanáticos. E segundo, porque o uso do termo “terrorista” branqueia o caos muito maior perpetrado por Estados poderosos.

Quando os EUA bombardearam populações civis – como fizeram no Vietnã, Laos, Camboja, [El Salvador, Iraque, Afeganistão, Síria, El Salvador](#) e até [Granada](#) – reivindicaram “razão de ser” e escaparam principalmente da reprevação ou sanção. Com o apoio dos EUA, Israel está atualmente bombardeando a [densamente povoada](#) Faixa de Gaza. Mais de 10.000 civis foram mortos até agora, segundo o Hamas, mais de um terço deles crianças. Os EUA e seus aliados – incluindo Israel – compõem o que [Edward S. Herman](#), em 1983, chamou de “a verdadeira rede terrorista”. As vítimas dos Estados Unidos chegam aos milhões.

Seja conduzida pelos Estados Unidos, Israel, Rússia, Palestina ou dezenas de outros Estados ou autoridades não estatais, a guerra hoje é uma versão do terrorismo. Pouca distinção é feita entre combatentes e não combatentes, e as determinações legais de responsabilidade são geralmente feitas, se é que o fazem, depois do fato, pelos vencedores. “Haverá muito tempo para fazer avaliações sobre como essas operações foram conduzidas”, afirmou alegremente o secretário de Estado dos EUA, Anthony Blinken, em 6 de novembro. A cal já começou.

O ataque do Hamas a Israel é condenável. Também é consistente com a guerra moderna. Ele foi conduzido por uma razão: para impedir um [possível tratado](#) – uma expansão dos Acordos de Abraão – para normalizar as relações entre Israel e a Arábia Saudita. Tal acordo teria [ignorado](#) a luta palestina pela emancipação e isolado ainda mais o Irã, um dos aliados do Hamas.

O Hamas certamente sabia que seu ataque levaria a represálias israelenses ferozes, possivelmente até mesmo uma invasão. Mas calcularam que, custasse o que custasse, valia a pena. Quando a guerra finalmente terminar, Israel pode estar mais disposto do que antes a negociar uma solução para a longa e sangrenta disputa sobre a Palestina.

De fato, quanto maior o número de mortos de ambos os lados, eles provavelmente raciocinaram, mais provável uma acomodação. No [entanto, podem estar enganados](#). As condições do pós-guerra podem acabar pouco alteradas em relação às do pré-guerra, exceto com muitos milhares de palestinos mortos, centenas de milhares de desabrigados e Israel ou seus aliados do Oriente Médio policiando Gaza.

Um menino Yeshiva

Todo judeu americano aprende sobre Israel na infância. Não me lembro muito da minha primeira exposição, mas ela deve ter vindo no contexto de uma discussão familiar (isso teria sido no início dos anos 1960) sobre identidade judaica e preconceito antijudaico.

Se vissemos um filme ou programa de TV com um ator ou artista judeu – Tony Curtis, Kirk Douglas, Dinah Shore, Woody Allen – esse fato era mencionado com aprovação, a menos que a pessoa fosse considerada de sobrancelha baixa, como Milton Berle ou Danny Kaye, caso em que haveria um dedilhado de língua. Se um político de direita ou republicano era visto ou mencionado – Barry Goldwater, Richard Nixon, George Wallace – era seguido pelas palavras (geralmente precisas) “antisemita”. O que ocorria quando o Estado de Israel era invocado. Ele era o lugar onde os judeus eram seguros e respeitados, e onde eles poderiam encontrar refúgio se as coisas nos EUA andassem de lado.

A “Lei do Retorno”, aprovada em 1950 pelo *Knesset* israelense, foi um golpe de gênio do marketing. Judeus de todo o mundo receberam imediatamente uma segunda nacionalidade e um lugar de refúgio real ou imaginário – os palestinos sejam condenados. A injustiça de que poderíamos “voltar” a um território que nunca havíamos habitado, enquanto os palestinos eram impedidos de retornar à terra da qual haviam sido recentemente expulsos, nunca entrou em nossas mentes.

a terra é redonda

E mesmo que tivesse, nunca teríamos exigido que a soberania sobre a terra de Israel fosse compartilhada com a população palestina exilada. Nossa preconceito antiárabe foi superado apenas pela força de nossas memórias. O Holocausto estava a menos de uma geração de distância e conhecíamos muitos sobreviventes.

Havia a húngara, de cabelos prateados, Mrs. Block, no apartamento 2R abaixo de nós; a alegre Sra. Schlesinger, e seu cachorro Sócrates que tinha seu próprio número de telefone – você poderia procurá-lo “no livro”. E lá estava o porteiro alto e austero; porque ele era polonês e gentio, fomos admoestados a abordá-lo com cautela. Certa vez, fui repreendido por minha mãe por perguntar a ele sobre os números azuis em seu braço.

Em 1966, comecei a *yeshiva* – um programa ortodoxo após a escola no pequeno Templo Shalom em Forest Hills. Fui mandado para lá porque era perto e barato. Se eu continuasse com minhas aulas, estaria preparado três anos depois para o Bar Mitzvah. Gostei de aprender hebraico, que me ensinaram erroneamente que era a língua histórica dos judeus. (Entre cerca de 200 e 1900, era apenas uma língua litúrgica; foi revivida pelos sionistas.) Mas o culto religioso regular não era agradável ao extremo. Ninguém na minha família acreditava em Deus ou frequentava regularmente os cultos, nem mesmo meus avós do Leste Europeu que ainda falavam um pouco de iídiche. Desde a minha mais remota memória, eu era um ateu orgulhoso.

O único aluno piedoso na minha classe *yeshiva* era Samuel ou Shmu’el. Ele era pequeno para sua idade e usava óculos grossos. Ele se recusou a dizer em voz alta a palavra “Deus” porque era muito santa, então em vez disso, ele substituiria “*Hashem*” (hebraico para “o nome”). Nós o provocamos puxando um níquel de sua orelha e perguntando: “O que está escrito à esquerda do nariz de Thomas Jefferson?” Ele gaguejava brincando: “Em *Hashem* w-w-we, confie”. Ou parávamo-lo a caminho de casa e perguntaríamos: “Que música é essa que Kate Smith sempre canta?”. “*Hashem Bless America*”, ele responderia.

Éramos crianças inteligentes e boas na escola, *Shmu’el* incluído. Acompanhamos os acontecimentos políticos e conhecemos um pouco da história, mas nunca discutimos – ou sabíamos nada sobre – a [Nakba](#) ou “catástrofe” que se abateu sobre a sociedade palestina e tornou possível o Estado de Israel. Entre 1947 e 49, cerca de 750.000 pessoas de uma população de 1,9 milhão foram deslocadas, 15.000 mortas e 530 cidades e aldeias palestinas destruídas.

Durante a Guerra dos Seis Dias, em junho de 67, voltamos à *yeshiva* – mesmo com a escola fechada – para acompanhar de perto os acontecimentos. Lembro-me de Rabi Sanders parado em frente a um quadro-negro, apagando os x’s e y’s que representavam aviões e tanques egípcios, e contando os soldados sírios, jordanianos e egípcios mortos. Quando Israel rapidamente prevaleceu, comemoramos como se o último colocado New York Mets tivesse vencido a World Series, o que eles fariam dois anos depois. Exultamos com a expansão territorial da Terra de Israel e não podíamos nos importar menos com civis palestinos mortos, feridos ou deslocados.

Levaria pelo menos uma década ou mais até que eu começasse a duvidar da justiça de Israel. O acontecimento-chave para mim foi a invasão israelense do Líbano em 1982, seguida pelos [massacres de Sabra e Shatila](#), realizados por milícias cristãs libanesas com a aprovação tácita das Forças de Defesa de Israel. A sucessão de bloqueios e ataques israelenses a Gaza entre 2007 e 2014 confirmou minha opinião de que Israel era uma potência ocupante, determinada a impor uma política de *apartheid*.

O longo governo do [corrupto](#) e incompetente presidente da Autoridade Palestina, [Mahmoud Abbas](#), e do incompetente e corrupto primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, tornou a [guerra atual inevitável](#). Hoje, Netanyahu e seu [regime neofascista](#) alienaram muitos judeus americanos que já foram os mais fortes apoiadores de Israel.

O apego dos judeus americanos a Israel

Alguns judeus e muitos gentios (por exemplo, Donald Trump) pensam que o vínculo entre judeus americanos e israelenses

a terra é redonda

é natural e inevitável, até mesmo atávico: baseado em sangue ou raça. Isso é um absurdo, claro. O judaísmo é uma religião, não uma raça, e de qualquer forma, não existe raça biológica. (A validade da categoria foi refutada pela primeira vez por Franz Boas em 1928.)

A diáspora judaica nem sequer tem uma linhagem comum. [Os judeus asquenazitas](#) (aqueles da Europa Central e Oriental, atualmente cerca de 70% do total) são geneticamente heterogêneos e têm pouca conexão com os judeus do antigo Oriente Próximo. Um estudo na [Nature Communications](#), sugere que os ashkenazim modernos se originaram na Europa pré-histórica, não no Levante. Em outras palavras, a origem genética da maioria dos judeus modernos não era judaica!

Uma crença mais comum é que os judeus americanos reverenciam Israel e o sionismo por causa da solidariedade cultural e religiosa. A posição é compreensível. Os judeus americanos são apenas cerca de 7,5 milhões, ou apenas 2% da população total dos EUA, com metade deles em Nova York e Califórnia. Minha chance de encontrar accidentalmente outro judeu enquanto atravessava os EUA de Micanopy, Flórida, onde moro, até a fronteira com a Califórnia é extremamente pequena. Na zona rural do Texas, Novo México e Arizona, as sinagogas são mais difíceis de encontrar do que as estações de recarga de veículos elétricos.

Na verdade, hoje, exceto pelas seitas ortodoxas e hassídicas, [os judeus americanos](#) não são mais sionistas [do que](#) os não-judeus. São os cristãos evangélicos, [sionistas cristãos e](#) dispensacionalistas [que são os apoiadores mais fervorosos de Israel, e isso porque eles veem o Estado como o cumprimento da](#) profecia bíblica, [e o futuro](#) local do “arrebatamento”, [quando os judeus serão derrubados](#) ao inferno e os cristãos sobem ao céu.

O novo presidente da Câmara dos EUA, Mike Johnson, da Louisiana, é um dispensacionalista que acredita que durante o estágio final do desenvolvimento histórico, ou “dispensação”, o mundo será destruído pelas chamas e Cristo retornará a Israel para estabelecer um novo céu e terra, povoado por aqueles que nasceram de novo. Johnson é um defensor de Israel e apoia um novo pacote de ajuda militar – desde que o dinheiro venha do orçamento da Receita Federal, revelando os limites de sua fé; o homem dos impostos é mais temido do que o Messias é desejado.

A verdadeira base da atração judaica americana por Israel é o medo do antisemitismo nos Estados Unidos. A preocupação não é trivial. Os judeus foram evitados, combatidos e oprimidos desde sua primeira chegada às colônias americanas. [Peter Stuyvesant](#), governador de Nova Amsterdã (mais tarde Nova York) os chamou de “inimigos e blasfemadores” e tentou em 1655 impedir os judeus de emigrar para a colônia.

Então, quando alguns vinham de qualquer maneira, ele cobrava um imposto especial sobre eles. Dois séculos depois, o general Ulysses Grant emitiu uma ordem expulsando judeus dos territórios do sul sob seu controle. (Lincoln revogou a ordem.) Durante e após o surto de migração judaica da Europa Oriental, entre cerca de 1880 e 1920, o antisemitismo nos EUA aumentou significativamente. Os judeus foram discriminados no emprego, educação e moradia, negados a participação em clubes privados e “restringidos” de muitos hotéis e restaurantes.

O linchamento de Leo Frank em Atlanta, em 1915, após sua condenação injusta por assassinato, marcou um novo ponto baixo na vida judaico-americana. O assassinato precipitou o renascimento da *Ku Klux Klan* e a ampla disseminação de atitudes antisemitas durante os anos entre guerras, promovida por figuras proeminentes como Henry Ford, Charles Coughlin e Charles Lindberg.

[Pesquisas na época indicavam](#) que uma forte maioria dos americanos considerava os judeus “gananciosos”, “desonestos” e “agressivos”. Seria necessária uma guerra mundial e uma repulsa generalizada a Hitler e ao genocídio dos judeus, para quebrar o feitiço do antisemitismo dos EUA. No entanto, uma pesquisa recente da ADL indica um aumento significativo de atitudes antisemitas. Embora a pesquisa seja falha – ela essencialmente equipara antisionismo e antisemitismo – [os próprios judeus detectam](#) um aumento nas atitudes e comportamentos antisemitas.

Entre as muitas tragédias do ataque de 7 de outubro do Hamas, e o programa de retaliação de Israel, está o de que eles

podem fortalecer o apoio judaico e evangélico americano ao país, garantindo a continuidade da ajuda militar e diplomática dos EUA para o governo mais racista e expansionista que Israel já conheceu. Isso torna ainda mais urgente a defesa de um cessar-fogo imediato e de negociações de paz. Em causa está a sobrevivência do povo palestino e a reconstituição da democracia israelita.

***Stephen F. Eisenman** é professor de história da arte na Northwestern University. Autor, entre outros livros, de *The cry of nature: art and the making of animal rights* (Reaktion).

Tradução: **Eleutério F. S. Prado.**

Publicado originalmente no portal [Counterpunch](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)